

a n a r q u i s m o s

a m i g o s

RESENHAS apresentadas pelos pesquisadores do Nu-Sol e mestrandos no Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da PUC-SP, **Gustavo Simões, Gustavo Ramus, Gabriel Prestes Espiga e Bruno Andreotti**, em **SEMINÁRIO DO NU-SOL**, em 11 de fevereiro de 2008 :

Edgar Leuenroth. *Roteiro de uma libertação social.* Rio de Janeiro/São Paulo: Achiamé/Centro de Cultura Social, 2007.

Edson Passetti. *Anarquismo Urgente.* Rio de Janeiro/São Paulo: Achiamé/Centro de Cultura Social, 2007.

gustavo simões

Dois livros lançados, no segundo semestre de 2007, pela editora anarquista Achiamé em parceria com o Centro de Cultura Social de São Paulo, *Anarquismo: Roteiro da libertação social*, escrito por Edgar Leuenroth e *Anarquismo Urgente* de Edson Passetti, animam os libertários de diferentes procedências a problematizar as práticas do anarquismo hoje, momento em que passam jovens cada vez mais interessados apenas em manifestar uma insossa indignação passageira ou que procuram no anarquismo um refúgio covarde, porto-seguro oportunista e medroso, palatável manual de sobrevivência alternativa.

Edgar Leuenroth expõe aos leitores no início do livro de 208 páginas, divididas em quinze capítulos, compostos por breves escritos seus e de militantes libertários brasileiros e do mundo, os motivos para a redação do livro: “os militantes, simpatizantes e estudiosos recorrem às obras estrangeiras, que mandam vir das editoras de países da América e da Europa. Patenteia-se, portanto, a urgência, de novas edições brasileiras de obras clássicas dos teóricos do anarquismo ou de novos livros que correspondam à necessidade da divulgação, no Brasil, de princípios libertários”¹. Os primeiros textos de *Anarquismo: Roteiro da Libertação Social*, como o assinado pelo jornal português *A Batalha* desassossegam o leitor acostumado com a militância apartada dos riscos do combate ao expor a coragem dos anarquistas que mesmo após violentos confrontos, “refazem-se de forças, para continuar”². Outro jornal, o *Umanitá nova* completa: “ser anarquista (...) não é fácil. Significa tomar todos os dias, em face de todos os problemas, grandes e pequenos, da vida, uma posição teórica e prática que contrasta e se choca com as conveniências do

¹ Edgar Leuenroth. *Anarquismo: Roteiro da Libertação Social*. São Paulo/Rio de Janeiro: CCS-SP/Achiamé, 2007, p.16.

² Idem, p.22.

próximo, que suscita suspeitas, ódio e furor no seio dos guardiões da ordem, que são todos aqueles que se vêem beneficiados pelos seus privilégios”³.

Afastando-se dos marxistas e das suas práticas de luta e assumindo a perspectiva de uma revolução libertária, Victor Franco afirma: “o que caracteriza o anarquismo como sistema é a coerência lógica de suas finalidades com os meios empregados para realizá-las (...) Portanto, para os anarquistas, defender a revolução é manter seu caráter anárquico, e, para mantê-lo, é logicamente necessário que esse caráter exista desde o início”⁴, e Ugo Fidelli interessado em liberar os libertários da redução simplificadora da luta de classes diz que “o anarquismo não se limita a essa visão restritiva dos conflitos sociais: procura atingir com sua crítica a todas as espécies de sujeição, seja esta econômica, ou religiosa, seja política ou moral”⁵. Em “Por quê os anarquistas não aceitam a ação política eleitoral?”, texto em que Edgar Leuenroth responde ao interesseiro convite para sua candidatura a um cargo representativo na câmara da cidade fica mais nítida a inconciliável relação entre as práticas libertárias, as marxistas e as liberais. “Como libertário, não aceito a ação parlamentar, que implica a delegação de poderes, o que constitui séria divergência doutrinária com o anarquismo”⁶; e no texto seguinte, conclui: “a liberdade só se chega seguindo o roteiro da liberdade”⁷.

Entretanto o fôlego de Leuenroth não pára no mero contrapositionamento com o marxismo. No texto “Presença atual”, o militante libertário questiona a noção numérica que define a maioria como representante dos interesses do povo citando acontecimentos históricos como a Alemanha nazista e a Itália de Mussolini para mostrar como a multidão facilmente se transforma em combustível que anima a emergência de fascismos. “Em face de tais majorias numéricas, os anarquistas representam, certamente, um movimento de minoria. E isso constitui motivo de satisfação e, por que não dizer, de orgulho para os libertários, pois é preciso ter coragem, muita coragem e decisão, alimentada pela capacidade de resistência de uma inabalável ética social (...) Jamais pretenderão os anarquistas reunir em seu movimento multidões majoritárias”⁸. Leuenroth afirma que o

³ Idem, p. 32.

⁴ Idem, p.55.

⁵ Idem, p.56.

⁶ Idem, p.59.

⁷ Idem, p.68.

⁸ Idem, p.91-92.

anarquismo em nenhum momento deixou de combater a emergência de fascismos no planeta através da incessante produção da imprensa libertária e “na luta permanente de seus militantes, que, no desenvolvimento de sua atuação corajosa, chegam a suportar até o sacrifício de suas vidas”⁹.

A partir do nono capítulo de *Anarquismo: Roteiro da libertação social*, chamado “Origem e desenvolvimento do anarquismo”, os textos de Edgar Leuenroth e dos demais militantes afastam-se das explicações e sistematizações sobre as bases, métodos e definições do anarquismo e começam a mapear a irrupção de experiências libertárias no Brasil e no mundo. Leuenroth relata a vital participação dos libertários na atuação junto ao movimento contra a carestia da vida em São Paulo para a criação de feiras-livres e na formação da Liga dos Inquilinos, que intervinha nos despejos ocorridos na cidade. No entanto, entre todas estas experiências abordadas, a que marcou mais o militante e a que ele dedicou maior espaço foi à “Nossa Chácara”. Para Leuenroth, a “Nossa Chácara” era a utopia dos anarquistas transformada em realidade, com o objetivo, segundo ele, de desenvolver a sociabilidade entre os participantes do movimento, promover festivais de música, literatura e teatro. “Reunindo-se o útil ao agradável, consegue-se, por esse meio, um proveitoso resultado educacional (...) e constituindo, ainda, ambiente propício para criar e reforçar antigas amizades”¹⁰.

Aos parceiros, amigos vindos de outros cantos, Leuenroth concentra em algumas páginas toda a energia e intensidade de alguns que passaram e agitaram no Brasil, ao escapar com vida dos embates contra o poder ao redor do mundo como Paulo Bertholot, anarquista francês, que segundo o autor do livro “aqui aportou com notável bagagem de cultura, depois de uma peregrinação por vários países, foi morrer nos sertões de Goiás, numa tentativa de convivência comunitária com os índios”¹¹; Herrerita, poeta boêmio vindo do Uruguai que “além dos originais de valiosos trabalhos, levou uma lata de goiabada e uma coleção de números, com coleções suas, de *A Lanterna*”¹²; e o conhecido Gigi Damiani, “pintor de profissão, jornalista e escritor, sempre com um sorriso irônico, pouco amigos

⁹ Idem, p. 94.

¹⁰ Idem, p.135.

¹¹ Idem, p.113.

¹² Idem, p.114.

falador”¹³. Muitos destes anarquistas foram expulsos do país enquanto outros eram presos junto com os libertários brasileiros em São Paulo, no Rio de Janeiro e mais tarde no campo de concentração da Clevelândia. Leuenroth grava sua revolta “em caracteres de sangue” pela existência destes anarquistas que “foram detidos, mantidos presos em sórdidos presídios, depois metidos no porão de um navio em promiscuidade com outras vítimas da reação e de desgraçados marginais criados pelos desajustamentos da sociedade capitalista, e, no final de penosa viagem deixados sem nenhum recurso, nos confins do norte, vindo a sucumbir, após horríveis sofrimentos, sem o mínimo socorro, nas matas da Clevelândia”¹⁴. Para resistir a política que tinha como objetivo prender, matar e expulsar os anarquistas do país, Leuenroth e outros anarquistas inventaram os Comitês Pró-Presos e Deportados com o objetivo de ajudar e socorrer na prisão os militantes e prestar auxílio a suas famílias.

Leuenroth, em todos os seus textos atenta para as diferentes resistências libertárias. Dedicou boa parte do livro às experiências coletivistas na Espanha, a emergência dos mahknovistas e a atuação dos libertários na Revolução Russa, na Comuna de Paris, mas também não deixa de dirigir seu olhar para pequenas insurgências anônimas que não constam nos livros que pretendem fazer a História do anarquismo. Com sensibilidade apurada, ele conta sem revelar os nomes, a história menor de um casal anarquista espanhol que fora detido pelas forças fascistas de Franco durante a guerra civil. “Como requinte de malvadeza não foi permitido que o casal ficasse no mesmo edifício presidiário, nem mesmo na mesma localidade, com o propósito de serem evitadas, comunicações com parentes ou amigos. Ela, depois de submeter a processo e condenada, foi transferida para o presídio de Málaga. Ele, após o processo e a condenação, viu iniciada sua peregrinação por 17 presídios, sendo transferido de uma prisão para outra e para campos de concentração de diversas localidades. Após sete anos de prisão, num processo cheio de episódios cada qual mais curioso, conseguiram libertar-se e atravessar as fronteiras em busca de outras paragens”¹⁵.

Em *Anarquismo: roteiro para libertação social*, Edgar Leuenroth e seus companheiros de luta apresentam desde os conceitos tradicionais do anarquismo, seus embates históricos, suas diferenças com os demais socialismos e os métodos de ação

¹³ Ibidem.

¹⁴ Idem, p.125.

¹⁵ Idem, pp.156-157.

empregados nas lutas até o momento em que ele foi redigido em 1963. A militância cotidiana pela revolução libertária prepondera, assim como a formação de uma conduta militante. Há também a ênfase no investimento libertário no presente, através de experiências de sociabilidade como a Nossa Chácara, a invenção de peças de teatro, de festivais de música e literatura. Os textos do livro formam um roteiro que busca a formação de militantes coerentes e corajosos, anarquistas com disposição para arriscar sua própria pele.

Edgar Leuenroth se intitulou segundo Jaime Cubero um “fazedor de jornais”¹⁶. Leuenroth militava com seriedade: “o movimento libertário tem a imprensa como seu principal veículo de propaganda e combate. (...) Não abrigam publicidade paga, sendo sustentados por meios de subscrições voluntárias. (...) Alguns deles traziam em seus cabeçalhos a legenda: sai quando pode” e com prazer “deve se consignar que toda essa labuta é executada após as jornadas de trabalho profissional de cada um, avançando noite adentro em ambiente de animada convivência”¹⁷.

Os três primeiros textos do livro de ensaios *Anarquismo urgente*, de Edson Passetti, anarquizam o branco da página inventando um espaço diferente, surpreendendo o leitor acostumado à diagramação e ao espaço bem delimitado entre linhas e parágrafos. Em “anarquizar os anarquismos”, Passetti afirma a invenção anarquista, a sua força e provoca aqueles que ainda crêem na utopia revolucionária “anarquia é preciosa, não se ajeita numa jaula esperando pelo futuro (...) arrebenta a jaula, derrete as grades com fogo e sexo”¹⁸ e no texto seguinte, habitado por outras experimentações libertárias com as palavras, grava nas estranhezas aquilo que singulariza a luta dos anarquistas contra a prisão: a afirmação de que todo preso é um preso político. Em “Arte e resistências: ensaio entre amigos”, abre sua reflexão com o canto e a leveza intensa de Maria Betânia, para depois associar a atitude corajosa do abolicionismo penal com a obra instalação *Carandiru* de Lygia Pape, na qual a artista questiona: “O que o Carandiru faz? Prepara as pessoas para a morte. Como é que o Brasil, que está se tornando um país de velhos, dá-se ao luxo de destruir esta juventude?”

¹⁶ Jaime Cubero. “Edgar Leuenroth, o homem e o militante”. In *Verve* 10, Nu-Sol, p.216.

¹⁷ Edgar Leuenroth. *Anarquismo: Roteiro para libertação social*. São Paulo/Rio de Janeiro: CCS-SP/ Achiamé, 2007, p.101.

¹⁸ Edson Passetti. *Anarquismo Urgente*. São Paulo/Rio de Janeiro:CCS-SP/ Achiamé, 2007, p.9.

Não é só uma questão política, é também uma questão de espírito e conceito. Não se abre mão da vitalidade”¹⁹.

Das resistências dadá, arte que arruína museus, Passetti segue para a vida artista de Nise da Silveira que, com sua contundência, não se deixou apanhar pela psiquiatria e nem pelos mecenas e críticos que julgavam como obras de arte os objetos inventados pelos loucos do hospício. Segundo Passetti, Nise investiu na Casa das Palmeiras, em parceiros e não mais em pacientes, num pequeno território livre em resistência à ditadura da psiquiatria. Associando a vida da antipsiquiatra apaixonada por gatos, Machado de Assis e Dostoievski, e sua constante luta contra a uniformização, ele conclui “ ‘A vida não é isso ou aquilo’ disse-me Nise durante a gravação do vídeo que leva seu nome. (...) Entre os anarquistas sempre foi muito nítida a impossível separação entre isto e aquilo. Nas maneiras pelas quais nos associamos livremente podemos exponencialmente ampliar as relações de liberdade ao mesmo tempo em que reduzimos potencialmente as de autoridade, traçando percursos surpreendentes que compõe tensões próprias da vida e impossível de ser pacificada”²⁰. Loucura solta de Nise e Antonin Artaud.

De maneira libertária Edson Passetti apresenta Deleuze e sua filosofia da diferença, a relação do *entre* estabelecida com Guatarri, o nomadismo, as invenções e conceitos do filósofo e para além da divergência acerca do desejo e do prazer estabelecida entre ele e Michel Foucault, inventa um jeito seu de lidar com o problema, potencializando a parceria, ao afirmar: “Que o desejo seja a vontade de gozo no encontro atual!”²¹. Sobre a vinculação que alguns autores interessados realizam entre a obra de Foucault e o anarquismo, Passetti demonstra que esta proximidade só acontece no “campo da atitude demolidora na fronteira” e que “pretender vincular diretamente anarquismo e Foucault é se propor a andar em círculos tentando apanhar o próprio rabo, que devido a tantos giros termina ferido e fedido. (...) Foucault desafia os anarquistas a saírem do bolor, da mesma maneira que estes foram abalados por Stirner e cujas ressonâncias aguardam outros inventivos percursos de liberdade”²². Contudo, ele chama a atenção para a problematização do filósofo francês, as difíceis tentativas de filósofos, anarquistas e poetas no século XIX, para reconstituir uma

¹⁹ Idem, p.22.

²⁰ Idem, pp.42-43.

²¹ Idem, p.57.

²² Idem, p.61.

“ética do eu”. Passetti ao lidar com esta noção de estética da existência mostra como o retorno a si, presente na reflexão destes pensadores, “inclui a livre escolha dos exercícios não como regra de vida, mas arte de viver para fazer da própria vida uma obra” e conclui que “o sujeito, no caso o anarquista, volta-se para uma conversão a si, um retorno a si, uma navegação. (...) Navegar implica arte, saber, técnica em pilotagem”²³. No texto seguinte, o autor do livro se refere ao Centro de Cultura Social de São Paulo como generoso espaço de acolhimento para forças parceiras e no curto e intenso texto sobre o amigo, companheiro de viagens, e risadas, Jaime Cubero, pergunta: “quem gosta de comemorar morte de amigo? (...) Jaime está vivo, amigo estelar, enquanto estiver vivo o anarquismo no Brasil, no planeta”²⁴.

Em “De conversa em conversa: parrésia anarquista”, Passetti retorna as constatações de alguns “militantes institucionais e acadêmicos” após a guerra civil espanhola que apressadamente decretaram a morte da anarquia, passando pelos desdobramentos e acontecimentos anarquizantes de 1968, quando, segundo ele, “os anarquismos estavam vivos, menos como resistências e mais como forças inventivas intensas”²⁵, até a atualidade, com os efeitos conservadores pós 1968, respostas do “medo conservador, democrata, social-democrata e socialista, as ousadias dos nomadismos da anarquia”²⁶. É justamente neste momento que a democracia traz consigo a utopia de uma outra globalização que entre posicionamentos e contrapositionamentos, se encontram os anarquismos, restritos e confinados a resistência no interior de um movimento social. O ensaio analisa a atuação libertária afirmando que hoje “não se trata apenas de resistir, pois do ponto de vista anarquista, isto seria restringir-se a atuar *contra* a ordem. Adotando uma posição como esta se acaba aceitando a condição de sujeição, seja pela imobilidade gerada pela espera ou dedicação à utopia da sociedade igualitária ‘e mais uma vez basta lembrar que as utopias consolam’, ou pela inevitável adesão às lideranças organizadoras”²⁷.

Nos embates no interior da universidade, Edson Passetti questiona o equívoco redutor do antropólogo David Graeber, que interessado em “trazer o anarquismo para

²³ Idem, p.67.

²⁴ Idem, p.74.

²⁵ Idem, p.82.

²⁶ Ibidem.

²⁷ Idem, p.84.

dentro da academia”²⁸, restringe a história dos anarquismos a um confronto entre o anarquismo científico de Kropotkin e o socialismo científico de Marx. A tentativa de Graeber para dar estatuto científico ao anarquismo, Passetti responde afirmando uma diferença vital: “A universidade não é sinônimo de academia e (...) diante da pequena teoria talvez seja mais interessante reconhecer-se como menor. Não uma minoria numérica ou social, mas aquela capaz de transtornar. Os anarquismos podem ser menores, mas não nasceram pequenos”²⁹. Num outro ensaio adiante, “Anarquismos na universidade”, retoma a história no Brasil da emergência dos primeiros coletivos e pesquisadores no interior da universidade, abrindo um campo antes dominado por marxistas e considerado pelos libertários como um lugar para não sujarem os pés. Tudo isto ocorreu segundo Passetti “com a chegada dos estudantes anarquistas, suas associações, desacatos e incômodos, que propiciaram a coexistência com professores libertários e os integrantes de centros de cultura no final dos anos 1970 e início dos anos 1980”³⁰.

Dos três ensaios que encerram o livro, dois se voltam para jovens e crianças. Enquanto no texto “Educação e fluxos libertários”, Passetti mostra como os pré-socráticos inventaram uma maneira de lidar com as crianças e jovens arruinando o culto à obediência na autoridade superior e investindo numa educação que não teme a autoridade, exercitando o que os gregos chamaram *parrésia*, ato de falar francamente com um superior, em “Pintar o Sete”, a conversa é com jovens pesquisadores que não desejam engrossar o rebanho de lambe-botas sem vida que habita a universidade apenas para obter um diploma ou a garantia de um emprego. “Pesquisar. Indagar a respeito e não mais inquirir. Esquecer o inquirido. Lidar com políticas da verdade e romper com a Verdade, a Vida, o Homem, a Ciência, e pesquisar. Livre da moral, destruindo a moral, enfrentando suas forças. (...) Pesquisar a vida com vida, sem governar os outros”³¹. O último texto do livro, “Controle e rebeldia”, com apenas um parágrafo e fôlego intenso, problematiza as resistências e contraposicionamentos hoje, na atual sociedade de controle e conclui que esta sociedade atual, “não suporta os rebeldes, porque estes desestabilizam até revoluções. Os rebeldes não aceitam acomodação em seu interior, nem se consolam com utopias ou votos válidos,

²⁸ Idem, p.98.

²⁹ Idem, p.99.

³⁰ Idem, p.101.

³¹ Idem, p.118.

brancos ou nulos. São artistas da vida, amigos das experimentações da liberdade, não se amedrontam diante de ameaças. Resistem. Na era da comunicação instantânea e dos efêmeros, repare no rebelde que se aproxima, agora, de perto, quase imperceptível, invisível. Vírus? Tuuuuuuuuuuuuuimmmmm. MÁQUINAS DE GUERRA”³².

O Anarquismo urgente de Edson Passetti se afasta da perspectiva revolucionária de alguns anarquistas e da militância reprodutora de condutas. Não segue um roteiro “itinerário ou descrição escrita dos pontos que é preciso conhecer para se fazer uma viagem por mar”³³. Atua como insurgência e levante agora, inventando percursos. Livro que investe na abolição do autor em detrimento da pessoa. Livro mais para parceiros do que leitores. Livro de ensaios curtos-circuitos, sabotagens, associações inesperadas que arruínam a moral. A voz de um recalcitrante perguntará: o que pôr no lugar? Não por mais nada nem ninguém dentro. Livre. Convite para deixar de contemplar a vida estando na margem e *atirar-se no rio*.

³² Idem, p.120.

³³ Aurélio Buarque de Holanda. *Pequeno Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, p.1071.

gustavo ramus

Edgard Leuenroth lutou junto de outros anarquistas propagando o pensamento libertário por meio de periódicos e na convivência e experimentação dentro do Centro de Cultura Social de São Paulo. Nascido no dia 31 de outubro de 1881, Edgar Leuenroth participou das greves gerais de 1917 e 1919, sendo preso na primeira e acusado de ser agitador e idealizador. Em seu livro *Anarquismo: roteiro da libertação social*, publicado em 1963 e reeditado recentemente pela editora Achiamé e o Centro de Cultura Social de São Paulo, nos apresenta uma coleção de textos seus e de outras personagens memoráveis do anarquismo como Elisée Reclus, Errico Malatesta, Piotr Kropotkin, Mikhail Bakunin, George Woodcock, Luce Fabbri; e textos de periódicos anarquistas como *A Plebe*, cujo jornal foi editor e fundador, *Ação Direta* do rio de Janeiro, *Reconstruir* e *La Protesta*, ambos de Buenos Aires e *Tierra y Libertad* do México. Traz, também, textos de alguns companheiros seus, como o português Neno Vasco, Souza Passos e José Oiticica.

Outro livro, *Anarquismo Urgente*, também lançado recentemente pelos mesmos editores apresenta um novo olhar sobre o anarquismo, atual e desestabilizador. Edson Passetti anda ao lado de Friedrich Nietzsche, Max Stirner, Heráclito, Gilles Deleuze, Jaime Cubero e Michel Foucault, este último considerado por muitos como nocivo ao anarquismo. E ainda Lygia Pape, John Cage, The Living Theatre, Antonin Artaud e o dadaísta Marcel Duchamp. Um livro-viagem, único, de um homem único. Sangue novo nas veias do anarquismo. Anarquia não se compra, não se copia, não se empresta, inventa-se. Para experimentá-la basta ousadia e coragem, não é para todos, mas para uns, seres eleuterófilos. Um livro para homens e mulheres crianças. Velhos-jovens e jovens-guerreiros.

A generosidade desses autores torna-se evidente quando ambos nos elucidam experimentações anarquistas. Edgard Leuenroth descreve encontros libertários, conferências e congressos, experiência de livres associações como a Colônia Cecília no Paraná, a Nossa Chácara, sítio freqüentado pelos militantes do centro de Cultura Social de São Paulo. Ou então as comunas mahknovistas da Ucrânia no início do século, os *kibutz*, colônias comunitárias em Israel, a presença anarquista no Uruguai, na Argentina e no interior da guerra civil espanhola. Edson Passetti nos brinda com a arte. Não aquela estática aprisionada no museu, mas aquela que atravessa corpos e não se desassocia da vida. A vida como obra de arte. Não uma exclusividade para artistas. Delicadezas que fazem uma existência livre e prazerosa. Assim como a *Via Invertida* de Lia Chaia, um desassossego, subversão. A arte resiste. Causa ruídos muitas vezes insuportáveis. Dionísio, onde está você? Não há identidade ou domesticação, não há brechas para capturas, e se há, Dionísio não está mais, desabitou. Sumiu! É emocionante a sutileza com que Passetti nos mergulha em Nise da Silveira, um anti-modelo da psiquiatria, ou como escreve Passetti, uma antipsiquiatria. Nise propiciou experimentações livres em espaços fechados. Inversão! Desconstrução da doença. Expansão da vida. A emoção de lidar. Como não vibrar no caso de Luiza? Uma paciente que ao saber que uma enfermeira havia delatado Nise à polícia, reagiu dando-lhe uma imensa surra e estendendo-a no chão. É como dizia a própria Nise da Silveira: “A vida não é isso ou aquilo, a vida é isso e aquilo!”¹

Onde quer que o poder se manifeste haverá insurgências, espaços para novos anarquismos, não há modelos para serem seguidos, mas sim possibilidades de invenções e experimentações de liberdades. O anarquista não é aquele que sonha com a revolução e nem deposita suas esperanças numa vanguarda. Anarquistas são aqueles que fazem de sua vida uma revolução diária. Existências perturbadoras. Edgar Leuenroth pensava o anarquismo como uma transformação social. Nada é imutável. O vislumbre por um futuro de uma sociedade ácrata, sem misérias e crimes, onde a “bondade” seria um sentimento comum, sem, no entanto, sonhar com uma perfeição e, muito menos, impor receitas prescrevendo um “dever ser” de tal sociedade, e tampouco elaborar projetos universais. Assim como muitos anarquistas do século XIX, Edgar Leuenroth entendia o problema social como uma questão de má organização. Não confunde socialização dos bens sociais

¹ Edson Passetti. *Anarquismo Urgente*. São Paulo/Rio de Janeiro:CCS-SP/Achiamé, 2007, p. 42.

com estatização, prezava pelo coletivismo, pela ajuda-mútua e o federalismo. Preocupava-se com a integridade e autonomia do indivíduo.

Para Edson Passetti há uma inquietação clara e urgente: é preciso anarquizar o anarquismo. Inventar novos anarquismos, novas insurgências. É a morte do reformador social. Anarquia não entendida como projeto societário. Passetti dialoga com Stirner: acabar com a sociedade, deixar que ela morra! Matar a sociedade sim, para estabelecer associações livres, para proliferar existências, subjetividades, potências e experimentações de liberdade. Utopia agora! Não para um futuro, mas no presente. Heterotopias anarquistas! As utopias consolam; os heterotópicos são! Realizadores inesperados e surpreendentes, provocam fortes abalos, despertam tempestades, destroem sem deixar nada no lugar. A anarquia não é uma forma de pensamento superior ou uma teoria. Ela desdobra-se numa imensidão de possibilidades. Não há prescrição. Um estilo de vida. Revolta em instantes. Anarquia: invente-a, atravesse-a, e por que não, destruí-la! Anarquia pra mim, pra você e pra quem quiser e tiver coragem de se atirar nela. Arruinar a moral na afirmação de uma ética liberadora. Anarquia agora, já!

Os anarquistas almejam a abolição do Estado, o fim da propriedade privada e de qualquer instituição coercitiva e/ou governamental, fim da exploração e de privilégios. Lutam por associações livres onde exista o interesse comum sobre objetos específicos. Sabem diferenciar igualdade de nivelamento de classes. O anarquismo, segundo Leuenroth, superou o conceito de classe. Não sonham com a uniformidade, com a ausência das diferenças. Ser anarquista é ter firmeza de caráter! Anarquia nada tem a ver com voto ou veto, eleições e partidos, ao contrário disso, reside em iniciativas e associações livres.

A representação é impossível numa perspectiva anarquista. Primeiramente porque ninguém fala em nome da anarquia, e anarquista algum fala em nome dos outros ou permite que falem em seu nome. Segundo Edgar Leuenroth, a representação é uma forma de subjugar o povo e descreer de sua autonomia. E ainda afirma: o anarquista “não elege fazedores de leis para não consentir na sua escravidão”². Edson Passetti completa: a representação é o seqüestro da vontade, uma idealização de si. Os direitos dos cidadãos são seus deveres em relação ao soberano. A representatividade, enfim, totaliza as diferenças sob um discurso pluralista. Anarquia nada tem a ver com pluralismo e representatividade.

² Edgard Leuenroth. *Anarquismo: Roteiro da Libertação Social*. São Paulo:CCS-SP/Achiamé, 2007, p. 37.

Sobre a questão da igualdade, Souza Passos estabelece uma pertinente discussão no livro de Leuenroth. A igualdade para os anarquistas não se trata do nivelamento por baixo, da socialização da miséria e condições precárias de vida. Não repudiam novas tecnologias ou bens materiais. Pelo contrário, querem dispor desses conhecimentos a serviço de todos. Não é o pouco, mas o *muito* que está em jogo. *A gente não quer só comida...* A liberdade dos povos passa pela cultura, pelo conhecimento e pela arte. Sobre um olhar diferenciado de grande parte dos anarquistas, Edson Passetti afirma que a igualdade se dá no exercício da diferença em possíveis associações de únicos. Únicos, iguais na diferença! Os únicos são insubordináveis, guerreiros, divíduos, dissipam identidades, revoluções, rebanhos e uniformidades. Encontram na amizade uma forma de desestabilizar hierarquias que dispensa regulamentações e normalidades. São atravessados pela generosidade, o oposto da solidariedade, uma diferença abissal precisamente colocada pelo autor. Inimigos do marasmo normalista lutam pela expansão da vida e não por sua conservação. Não admitem o controle, nem mesmo de si sobre si mesmo. Desgovernam-se, não traçam rotas, inventam novos percursos. Parresias, não temem seus superiores, são francos e anunciam verdades insuportáveis. Recusam-se a aceitar valores transcendentais e universais. Proporcionam novas linhas de fugas. Tem a vida como batalha, uma guerra incessante. Não apaziguam nem a si mesmos. E na invenção de si, fazem-se verdadeiras máquinas de guerras.

Abolir o Estado, não usá-lo como um meio como pretendiam os comunistas. Edgar Leuenroth aponta órgão e função como um duplo indissociável. O Estado seja socialista ou liberal, é uma máquina de opressão. Um ponto comum entre os dois autores é que ambos concordam que para se chegar a fins libertários é preciso criar meios libertários. Passetti salienta, ainda, que a anarquia como um movimento de minorias, precisa reconhecer-se *menor*, como potência liberadora.

Repúdio ao nacionalismo e principalmente a aversão às guerras de Estados sempre foram pautas no interior do debate anarquista, e muitos militantes se dedicaram à luta antimilitarista. Em *Anarquismo: roteiro da libertação social*, Luís Bertoni problematiza a resistência pacífica tolstoiana, da máxima cristã de não combater o mal com a violência. Ele afirma que isso pode estar carregado de um forte valor moral, no entanto, não é uma forma de resistência eficiente.

Anarquismo Urgente, não é um livro para liberais, pluralistas ou condutores de consciência. Não é estático, provoca movimentos e deslocamentos, requebra, desconcerta. E você, o que tu danças? A anarquia interessa para aqueles que inventam maneiras de viver a diferença no outro e com o outro. Os anarquistas não se resguardam a espera de um futuro; realizam insurgências no presente. Não admitem o seqüestro da vontade. Saboreiam as diferenças. Experimentam a vida e dispensam o controle de si. São heterotópicos, inventam resistências, provocam vírus, pirataria, arruínam a linguagem e fazem-se *piratas de si mesmos!* Não há anarquismo melhor ou verdadeiro, nem doutrinas e apóstolos. Não há o que seguir, é a desconstrução das formas de saberes superiores que nos subordinam, é a anti-moral com éticas de liberdades.

Edgard Leuenroth e Edson Passetti são rios diferentes. Águas que se encontram sem, no entanto, se misturarem completamente. Afluentes do anarquismo. Seriam mestres? Sim, mas na visão de Riobaldo, personagem de *Grande Sertão Veredas*: “Mestre não é quem sempre ensina, mas quem de repente aprende”³. Dissolvem hierarquias. Fazem de suas vidas batalhas diárias. Habitam zonas de riscos. Pois sabem que *viver é perigoso*. Assim como Pierre-Joseph Proudhon, atentam ao poder como relações de forças. Não suportam bajuladores e não admitem os saprófilos profissionais da anarquia, que a usam de forma vampiresca com o único intuito de projetar-se e imobilizá-la na polêmica. Anarquia, diversos fluxos, desassossegos e revoltas. Ela nunca morre, pois se transforma constantemente, é o novo, o jamais visto ou dito. Viva a anarquia!

³ João Guimarães Rosa. *Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001, p. 326.

gabriel prestes espiga

Primeiro Movimento: Desabafo!

CERTOS ANARQUISTAS

Para alguns, liberdade é religião! Aprendem depressa a louvar os vultos antepassados e transformar as palavras em dogmas ou novas jaulas. Buscam respostas para os problemas através de fórmulas, modelos e sentenças que pretendem simplificar a solução dos conflitos sociais. São legiões arrebanhadas em teorias e utopias consoladoras. Reproduzem a sociedade de controle agindo como sentinelas ou polícias do anarquismo, e acabam por deixar suas resistências aposentadas em pardieiros democráticos. Usam da filantropia para fazer propaganda e projetar suas verdades. Negociam políticas de liberdade e reproduzem diplomacias burocráticas. São os verdadeiros *profissionais do anarquismo*, pois fazem do anarquismo um ofício, um “anarco-isso” e “anarco-aquilo”, amestram e esquadrinham liberdades, dividindo suas vidas entre jornadas públicas e particulares. Trabalham dia-a-dia para impor o anarquismo como um remédio aos males que assolam o convívio em sociedade. Querem reformas e substituições de governos. Vomitam o anarquismo como ciência, presos ao sujeito, ao objeto e às sintaxes gramaticais. São “lambe-botas” de escolásticos e academicistas submersos na razão ou revolucionários de plantão dizendo amém aos seus pastores, rebolando em conceitos e fazendo de “anarquistões moderninhos” verdadeiros messias. Com tanta devoção acabam se transformando em apóstolos, discípulos, soldados ou sacerdotes.

Segundo Movimento: Desassossego!

ANARQUISMO URGENTE!

Anarquizar anarquistas e anarquismos se torna **URGENTE**, como alerta Edson Passetti em seu livro *Anarquismo Urgente!*

Não há *o anarquismo*, mas anarquismos. Não há *os anarquistas*, mas anarquistas. Por isso mesmo, o livro de Edgar Leuenroth, “*Anarquismo – Roteiro da libertação social*” não é para ser engolido, mas quiçá ruminado! É para ser percorrido, atravessado, vivido e sentido, pelo menos por anarquistas. Seu conteúdo expressa anarquismos que atravessam o tempo, que revivem séries históricas, não falando da história, mas velejando sobre ela, sem a pretensão de encontrar um porto seguro. Assim passamos por noções inventadas por anarquistas, princípios estudados e utopias alimentadas. Através de esse navegar é possível conhecer métodos variados de ação anarquista, desde as velhas lutas de classe ao federalismo anarquista, diferenciar o movimento anarquista do socialismo de Estado, conhecer vidas e vivências libertárias, informar-se sobre acontecimentos anarquistas no Brasil e no mundo, aproximar-se das experiências relatadas e recolocar em ebulição o sangue anarquista.

Anarquistas prescindem de rótulos, pois *vivem* ao invés de denominar condutas. Desconcertam verdades e dissolvem governos com a vida, com o riso, com a dança e com a música, em uma concepção, vivendo a *vida* como obra de arte.

Anarquizar é postura de guerreiros, de combatentes que lutam constantemente contra soberanos, profetas, pastores, rebanhos, saberes e fantasmas, numa palavra, governos. Trata-se de estilos de vida, não de ocupação de ofícios. É deixar que a vida seja eterno campo de batalha, fundindo público e particular no *um*, no singular que estraçalha verdades, que se reencontra criança e sente o gozo sutil que vem do prazer em lutar/brincar. O infante acaba com humanos, Estados, direitos, superiores, templos, leis, ciências, famílias, religiões e sociedades.

Anarquismos são potencializados na vida em associabilidade, conjunto de uns, de singulares, libertários amigos ou melhores inimigos. Associados anarquistas demolem universalismos, experimentam heterotopias ou utopias presentes, inventadas criativamente para lidar com o devir, transitam entre federações descentralizadas.

Revolução não é coisa de vanguarda de partidos comunistas ou de anarquistas profissionais, mas de anarquismos cotidianos, que revolucionam a vida a cada momento, provocando transformações atentas aos cuidados de si.

Anarquistas tornam os saberes nômades, de acordo com as experimentações do momento histórico, deixando os barcos do conhecimento livres no litoral, prontos para partir em qualquer momento. Usam águas e atravessam cachoeiras nos rios heraclíticos, com a correnteza no contra-fluxo ou aproveitando o terreno acidentado para fluir em corredeiras violentas, águas turvas! Não estão interessados em superfícies lisas, muito menos açudes ou águas empoçadas.

Anarquismos e anarquistas não cessam, provocam tensões até transpor os limites ou reterritorializar suas fronteiras, ocupando espaços transitórios. São máquinas de guerra e provocam acontecimentos experimentando liberdades.

Quem navega está disposto a correr o risco, pois *viver é estar em perigo!* Anarquistas se arriscam surpreendendo os costumes, os domesticados gestos de pessoas docilizadas. A ira se transforma em furacão com potência para a destruição do que há de civilizatório e “politicamente correto”.

Anarquias Por quê?

No momento que atravessamos esta era de difusão de direitos, pedagogias do medo e do castigo, prevencionismos controlados, reformismos eternos, penas alternativas, punitivismos tolerados, albergues prisionais, aprisionamentos rasteiros, confinamentos abertos, criminalização de condutas, tolerância zero, segurança eletrônica, policiamento *full time*, humanização de truculências, belicismos biotecnológicos, vírus devastadores, inimigos invisíveis, genocídios humanitários, performances diplomáticas, solidariedades civis, comunidades como campos de concentração, capitalismo civilizatórios, vigilância tele-computacional, liberdades virtuais, ecopolíticas de governo sobre o planeta, qualidades de vida, inteligências capturadas para o trabalho intelectual, credos moralizantes, domesticação dos instintos, medicalização de condutas, reivindicações silenciosas, movimentos de não-violência, indústrias de reformas do corpo, equilíbrio *zen*, programas de desenvolvimento, culturas instantâneas, conhecimentos sintéticos, isenção de valores, rebanhos reacionários, progressismos conservadores, drogas moderadas, sexo seguro, ciências salvadoras, escolarização infantil, desestruturações familiares, despovoamentos de

si, pluralismos democráticos, permaculturas, farmaculturas, transterritorialidades, multiculturas, diplomacias, negociações, digitalizações, telerealidades, meritocracias e tantos outros controles inomináveis, resta viver ou sobreviver. **Anarquismos para viver!**

É necessário estancar os relativismos com interferência nos fluxos de controle, potencializando as resistências em miríades de associações libertárias. Aproximar-se de únicos e expandir o convívio com éticas de amigos. Trata-se de afirmar a existência como estética e cuidado de si. Viver só é possível liberada e libertariamente, como estilo de vida.

Associados, inventamos heterotopias para viver o gozo no presente, utopia agora! Fazer arte da existência é investir contra a sociedade e deixar que ela pereça. As resistências anarquistas surpreendem pela intensidade com que atravessam a vida. O que fazemos de nossas vidas é um cuidado especial, brincando sério, como crianças em guerra contra os objetos do jogo, em regras móveis, transformando as relações de poder em forças ativas. O cotidiano é o próprio campo de batalha, onde é dissolvido o tribunal sem medo, castigo, propriedade privada, relacionamentos hierárquicos e autoritarismos. Apenas a conversação basta como troca de idéias e a conciliação é capaz de facilitar a invenção de respostas-percurso para a solução dos conflitos.

Destas experimentações libertárias decorrem abolicionismos, em especial do sistema penal. Abolir a punição, o medo e o castigo em si é lidar com o meio de vida de uma outra maneira, com um jeito próprio a cada situação em especial.

Através do abolicionismo penal abolimos a presença do Estado em nossas vidas, e por fazer dos abolicionismos constantes liberações, reverberamos anarquismos. Mas também porque o estilo de vida abolicionista leva o convívio à supressão de hierarquias, percorrendo percursos horizontais como busca de soluções aos problemas vividos. Os abolicionistas negam o confinamento ou o aprisionamento a céu aberto, mas também rejeitam a tecnoburocracia instaurada em torno da criminalização, destruindo tribunais, técnicos, polícias, leis, conceitos, enunciados, controles, vigilâncias, vítimas, estatísticas, ciências e outros saberes que preenchem o sistema penal.

O direito penal fornece receitas medíocres na lei. Aplica uma mecânica corrosiva desde a seleção do conflito, o seqüestro dosujeitados, a encenação circense dos personagens ubuescos da justiça e a execução da pena. Não permite o encontro de uma

solução à situação-problema, pois simplesmente afasta os agentes de um convívio originário, retribuindo a pena como implicação de dor e sádica vingança para a clientela.

Anarco-abolicionistas não têm receitas elaboradas e nem pretensões universalistas. Ao contrário, querem lidar com o imprevisível. Estamos todos presos e o percurso abolicionista, heterotópico, proporciona rebentar as jaulas. É investir em educação libertária, em éticas de liberdade, em viver o acaso. Trata-se de enfrentar o devir insurgindo no instante com toda a potência.

Às situações-problemas, respondemos com respostas-percurso, onde o percurso é realizado com o talento de cada um, com a vontade dos envolvidos e com pessoas interessadas em soluções sinceras.

Terceiro movimento: intempestivos!

TRANSGRESSÕES

Sabemos de tudo isso. Não está sendo falado em nome da anarquia ou “em nome de”, mas simplesmente de anarquismos e estilos de vida libertários. São nossas invenções, nossas artes, nossos ensaios e nossas brincadeiras. São pequenas ilustrações do que fazemos de nossas vidas, mostrando que existe vida sem o império da sociedade, em associação de amigos, libertários se aventurando pelo universo.

Respondemos à revolução com nossa dança e nossas cores, desestabilizando os sacerdócios anarquistas. Não é possível revolução sem alegria e bom-humor. Não somos soldados, somos guerreiros. Não temos chefes, patrões, líderes, messias, sacerdotes, profetas, pastores, governantes, representantes, cientistas, academicistas e profissionais do anarquismo. Não usamos carteirinhas, cartões, marcações ou carimbos. Ocupamos a academia para nela atravessar nossas resistências e rebeldias. Nossas revoluções ocorrem todo o dia, a cada instante.

E para quebrar a monotonia dessas palavras, uma surpresa! Uma transgressão artística, uma brincadeira gostosa entre amigos, uma *chuva de pétalas* ao estilo anarquista para alegrar a noite! **Anarquistas, Saúde!**

bruno andreotti

Proponho uma leitura comparada do livro de Edgard Leuenroth, *Anarquismo: Roteiro de Libertação Social – Antologia de Doutrina Crítica-História-Informações* e o livro de Edson Passetti, *Anarquismo Urgente*, sob a perspectiva da concepção de anarquia, anarquismo e anarquista presente nesses dois livros, dentre outras infinitas possibilidades que estes nos abrem.

Começemos pelo livro de Leuenroth, na verdade uma coletânea por ele elaborada contendo textos de diversos outros autores, além do próprio. Nele, o anarquismo é visto como uma *doutrina*: “a doutrina anarquista nos apresenta o ideal de uma ordem social sem exploração privada ou estatal, no qual a administração das coisas acabará com a dominação do homem (...) O movimento libertário caracteriza-se, portanto, menos pelo seu ideal de uma sociedade perfeita, mais pela dinâmica de suas tendências libertadoras. É um desenvolvimento voluntário no sentido da realização de formas sempre mais livres, mais perfeitas e harmônicas da vida social, não sendo, porém, a liberdade, a harmonia ou perfeição em si (...) O anarquismo é menos utópico do que as demais doutrinas sociais”¹.

O anarquismo seria a doutrina preconizada pela Anarquia, definida como a concepção de um estado social em que o indivíduo, como dono e soberano de sua pessoa, se desenvolverá livremente e no qual as relações sociais se estabelecerão entre os membros da sociedade segundo suas opiniões, as suas afeições e as suas necessidades, sem a constituição de uma autoridade política. É a negação do Estado e sua substituição pela iniciativa individual², ainda que se defina menos por esse ideal que pela dinâmica de suas tendências libertadoras, é menos utópico sem deixar de sê-lo. Ainda mais uma definição de anarquismo: “conjunto de princípios e métodos que animam o movimento representativo das atividades de toda natureza desenvolvidas com

¹ Edgard Leuenroth. *Anarquismo Roteiro de Libertação Social*. São Paulo/Rio de Janeiro:CCS-SP/Achiamé, s/d. pp.19-20, do prefácio escrito por Agustin Souchi.

² Idem, p.40. Escrito por André Girard, encerrando texto de Leuenroth.

o fim de preparar os elementos necessários para substituir o regime capitalista pela organização libertária da sociedade”³.

Portanto anarquismo são os princípios e métodos que substituem o capitalismo pela organização libertária da sociedade. O anarquismo é menos ou não há: Estado, Autoridade, Coação, Propriedade Privada, Salariato, Concorrência, Centralismo e Dogmatismo, e é mais ou há: Organização livre, Livre acordo, Liberdade, Socialização de bens sociais, Comunismo, Apoio mútuo, Federalismo e Livre exame⁴. Esses são seus princípios, e seu método próprio de ação baseia-se na livre iniciativa e na solidariedade, na ação direta capaz de levar os espoliados à reivindicação do que é seu, meio certo de vencer, pois amedronta o capitalismo. Abala a ordem estabelecida, faz a revolução, e após irá criar o novo mundo e a nova Humanidade⁵.

O livro de Leuenroth é destinado à *conduta* dos anarquistas⁶: “para ser-se anarquista não basta ler os livros que e a imprensa libertária, abeberando-se nas suas doutrinas, e freqüentar atos promovidos pelo movimento. À assimilação ideológica deve aliar-se a conduta, o procedimento conseqüente com a doutrina e a moral do anarquismo. O militante anarquista vale mais pela coerência de suas atitudes, de seu modo de proceder, no lar e na atuação pública, do que por sua capacidade de escrever ou discursar. Por isso, e essa é uma característica entre anarquistas, constitui preocupação constante do militante libertário procurar vencer os imperativos desvirtuadores do meio capitalista e libertar-se daqueles que dele haja recebido (...). No movimento anarquista, há um permanente esforço de autocontrole individual e coletivo, procurando-se prever, evitar e corrigir qualquer procedimento incompatível com a razão de ser do movimento libertário. Daí verificar-se, entre os anarquistas, a possibilidade de um teor de coerência mais homogêneo”⁷.

O anarquismo tem uma doutrina e também uma moral. O anarquista é aquele que age conforme essa doutrina, vista acima, e essa moral, que é superior, pois nada ordena, não modela o indivíduo em nome de uma idéia abstrata (como a religião, por exemplo), deixa o indivíduo em sua plena liberdade, é uma constatação de fatos, uma ciência, pois está baseada nos instintos naturais do ser humano⁸.

³ Ibidem, p.76. Texto de Leuenroth.

⁴ Ibidem, p. 80. Texto de Leuenroth.

⁵ Ibidem, p. 54. Texto de José Oiticica.

⁶ Ibidem, p. 59. Texto de Leuenroth.

⁷ Ibidem, p. 136. Texto de Leuenroth.

⁸ Ibidem, p. 45 e 48. Junção de textos de Kropotkin e B. Cano Ruiz.

O anarquismo que está nas páginas no livro de Leuenroth, como é indicado já no título, é um *roteiro de libertação social*: contém em si uma utopia, uma doutrina, uma moral, princípios e métodos. O anarquista é aquele que se mantém coerente na sua conduta com esse referencial, ainda que não negue a importância de experimentações de liberdade, aqui e agora, ainda é preso a um ideal de transformação da sociedade, e nisso está seu conteúdo utópico e libertador.

Começemos também pelo título no livro de Edson Passetti, *Anarquismo Urgente*, título que atenta para a necessidade de anarquizar os anarquismos, aqui e agora. Essa indicação já abre uma importante pista para entender o que o autor entende por anarquismo: ele não existe em si. Só se pode falar em anarquismos, em anarquistas que inventam anarquismos⁹. Destroem hierarquias, criam libertarismos, inventam costumes libertários, abalam a propriedade, corroem os Estados, estraçalham os indivíduos. Em uma palavra, desassossegam¹⁰. Cada anarquismo é uma heterotopia,¹¹ entendida como utopia realizada aqui e agora, experimentada nas maneiras pelas quais nos associamos livremente, ampliando relações de liberdade, reduzindo as de autoridade, um fazer constante e inacabado. A associação é nômade. Ao colocar o anarquismo como heterotopia entra-se no combate com um outro tipo de anarquismo, que quer a utopia da Sociedade no lugar do Estado¹². Anarquia *pode ser* libertação, mas *é* libertação¹³.

Se anarquismo é heterotopia, o que é a anarquia? Não se pode falar em seu nome, ela não é uma representação¹⁴, nem é passível de ser representada. É imanência, uma estranha unidade que abarca o múltiplo, chamado Anarquia¹⁵. É um acontecimento, e, como tal, inesgotável em seu devir, passível de múltiplas atualizações.

Anarquizar os anarquismos, além de colocar-se no combate contra a utopia da Sociedade no lugar do Estado é também se colocar no combate contra qualquer Moral e qualquer Conduta. É inventar percursos, espaços de experimentações, expansão da vida¹⁶, vida como obra de arte que não se aparta da vida na associação: “vivemos uma época da possível associação de únicos inventando existências, subjetividades e experimentações surpreendentes. O único dissolve identidades, negociações,

⁹ Edson Passetti. *Anarquismo Urgente*. São Paulo/Rio de Janeiro:CCS-SP/Achiamé, 2007. p.5.

¹⁰ Idem, p. 31.

¹¹ Ibidem, p.32.

¹² Ibidem, p. 43 e 66.

¹³ Ibidem, p.10.

¹⁴ Ibidem, p.31.

¹⁵ Ibidem, p.56.

¹⁶ Ibidem, p.67.

composições táticas, revoluções. Ele não teme seu próprio poder. É um guerreiro que não admite ser governado! Provoca insurreições saudando a morte da Sociedade! Um único jamais poderá ser apanhado; ele é a imensidão.” “O único é um anarquista que deixou de ser reformador social. Vive na associação combatendo desigualdades, conservadorismos, os *ismos* que engrandecem autoridades superiores, os seus íntimos e os devotos das obediências. O único é um insurgente que não impede as experimentações de outros anarquistas, ao contrário, as incentiva. Seu alvo é obstruir absolutos e confirmar éticas potencializadoras e intensificadoras de liberdades”¹⁷.

Conduzir-se de maneira ética, *ética* de, sem abstrações, romper com o universal. Viver como crianças livres de moral, de hierarquias, de transcendentais. Vida como batalhas por objetos, estabelecer relações de reciprocidade, associações¹⁸. A heterotopia do soberano de si no espaço heterotópico, governar a si mesmo sob o alerta constante do perigo da captura. Para isso, o amigo é um importante aliado:

“Amigos elaboram éticas como abrigos precários, associações móveis, experimentações da criança enquanto abalo ao consagrado mundo da razão, dissolvendo distinções como o público e o privado. Arte de viver provocando reviravoltas afirmadoras da vida como ensaio (...) Amigos provocam coexistências no seu dia-a-dia, são seus melhores inimigos, desassossegam a formalidade e provocam prazeres: inventam associações e anarquizam quando se requer identidades, afinidades, coerências. São artistas e não arteiros: a vida de cada um é única, não é apanhada pela uniformidade”¹⁹.

O amigo como melhor inimigo é também o parresiasta do outro, que desestabiliza, ajuda o outro a não se estancar em uma identidade, ajuda a *fugir* da captura, propicia lealdades e exercícios de parrésia: “o parresiasta, aquele que fala francamente, sabe dos riscos de sua atitude e a dirige com o intuito de romper com a tirania do superior, fortalecendo a democracia direta. Reconhece nessa relação uma superioridade a ser dissolvida estabelecendo a zona da lealdade. Falar francamente é próprio dos amigos que inventam ligações, que não seguem mestres, que se apartam das criações”²⁰.

Diante disso tudo quem é o anarquista? Simplesmente aquele que experimenta anarquias, que inventa anarquismos.

¹⁷ Ibidem, p.5-6.

¹⁸ Ibidem, p.118.

¹⁹ Ibidem, p.22.

²⁰ Ibidem, p.44.

Vemos que o livro de Passetti estabelece uma ligação muito clara com o livro de Leuenroth. É aquele anarquismo que é preciso anarquizar, escapar da Utopia, da Moral e da Conduta. Dois livros que se colocam em luta, inimigos, e, como tais, estabelecendo uma relação de amizade. Não há necessidade de ficar constatando e debatendo quem está certo, quem está errado, quem tem razão e quem não tem. Isso é necessário apenas àqueles que procuram o conforto das teorias e das coerências. O que interessa é o combate.

(* * *)